

**Alternância de transitividade com verbos agentivos em PB:  
*a louça já lavou, a casa já vendeu, o caminhão já carregou***

***Transitivity alternation with agentive verbs in BP: a louça já  
lavou, a casa já vendeu, o caminhão já carregou***

Luana Amaral

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
luanalopes@ufmg.br

Márcia Cançado

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
mcançado@ufmg.br

**Resumo:** Este artigo analisa sentenças intransitivas do tipo *a louça já lavou/ a casa já vendeu/ o caminhão já carregou*, chamadas de “incoativas periféricas”, no português brasileiro. Em comparação dessas estruturas com sentenças incoativas canônicas, do tipo *os vidros quebraram/ a porta estragou/ a meia rasgou*, resultantes da alternância causativo-incoativa, este estudo mostra que os dois tipos de sentenças intransitivas, embora sintaticamente similares, resultam de diferentes processos de alternância verbal. Ainda, em uma análise dos verbos do português brasileiro que formam incoativas periféricas, o artigo constata que existem quatro tipos de restrição para que os verbos possam alternar. Os verbos devem ser agentivos e transitivos diretos, o contexto sentencial deve incluir elementos como modificadores, negação ou uma prosódia de pergunta e a sentença deve incluir argumentos específicos. Os verbos devem, ainda, ser capazes de, no contexto apropriado, gerar as implicaturas de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e de que o falante não presencia a

ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado. O estudo constata, ainda, que as sentenças intransitivas analisadas focalizam o resultado da ação lexicalizado no verbo (no caso de verbos de resultado como *vender* e *carregar*) e geram uma implicatura de resultado, também focalizada, no caso de verbos que não lexicalizam o resultado (como *lavar*).

**Palavras-chave:** alternância verbal; inchoativa; verbos agentivos.

**Abstract:** The main purpose of this paper is to analyze intransitive sentences of the type *a louça já lavou/ o imóvel já vendeu/ o caminhão já carregou*, called “peripheral inchoatives”, in Brazilian Portuguese. In a comparison with canonical inchoatives, of the type *os vidros quebraram/ a porta estragou/ a meia rasgou*, resulting from the causative-inchoative alternation, it was shown that both types of intransitive sentences, although syntactically similar, result from different verbal alternation processes. Still, in an analysis of the Brazilian Portuguese verbs that form peripheral inchoatives, it was found that there are four types of constraints for that alternation. The verbs must be agentive and transitive, the sentential context must include elements such as modifiers, negation or question prosody, and the sentence must contain specific arguments. Besides, the verbs must be able to, in the appropriate context, generate the following implicatures: the action is being carried out by an agent or by an instrument, different from the speaker him/herself, and the speaker does not witness the action, but knows the expected result and says something about it. It was also found that the analyzed intransitive sentences focus on the lexicalized result of the action (in the case of result verbs, such as *vender* and *carregar*) and generates a result implicature, also focused, in the case of verbs that do not lexicalize results (such as *lavar*).

**Keywords:** verbal alternation; inchoative; agentive verbs.

Recebido em: 16 de abril de 2016.

Aprovado em: 13 de setembro de 2016.

## 1 Introdução

No português brasileiro (PB), certos verbos tradicionalmente considerados transitivos podem ocorrer em sentenças intransitivas, em que o complemento do verbo na forma transitiva aparece na posição de sujeito:

- (1) a. Os vândalos quebraram os vidros da viatura.  
b. Os vidros da viatura (se) quebraram.
- (2) a. A empregada estragou a porta.  
b. A porta (se) estragou.
- (3) a. O cachorro rasgou a meia da moça.  
b. A meia da moça (se) rasgou.
- (4) a. A Fátima lavou a louça.  
b. A louça já lavou.
- (5) a. A corretora vendeu aquela casa.  
b. Aquela casa já vendeu.
- (6) a. Os funcionários carregaram o caminhão.  
b. O caminhão já carregou.

A princípio, autores como Negrão e Viotti (2008) consideraram que tais exemplos seriam resultado de um mesmo tipo de fenômeno linguístico. Entretanto, apesar da grande semelhança entre as formas dessas sentenças, de acordo com Ciríaco e Cançado (2009), semanticamente, trata-se de dois fenômenos distintos. As sentenças exemplificadas em (1)-(3) (b) são chamadas de “incoativas” e resultam da conhecida alternância causativo-incoativa (também chamada de alternância causativa), que ocorre com verbos de mudança de estado; já as sentenças em (4)-(6) (b) exemplificam o que Ciríaco e Cançado (2009) chamam de “ergativas periféricas”, resultado de outro tipo de alternância verbal. Para as autoras, sentenças intransitivas incoativas, como as em (b) de (1)-(3), aceitam a marca do clítico *se* e não necessitam de contextos sentenciais ou pragmáticos específicos para serem licenciadas. Contrariamente, as

ergativas periféricas, como as em (b) de (4)-(6), não aceitam a marca do clítico *se* e precisam de certas marcas sentenciais para serem licenciadas, além de envolverem também certas inferências pragmáticas. Em estudo posterior, Negrão e Viotti (2010) reconhecem os dois tipos de fenômenos apontados e chamam sentenças como as exemplificadas em (b) de (4)-(6) de “absolutas”. Adotaremos, neste artigo, seguindo parcialmente Ciríaco e Cançado (2009), o nome “incoativas periféricas” para tais tipos de sentenças intransitivas, tentando evitar nomenclaturas sintáticas relacionadas a casos como *ergativo* e *absolutivo*,<sup>1</sup> contrastando-as com as incoativas canônicas exemplificadas em (1)-(3).<sup>2</sup>

O propósito deste artigo é justamente apresentar uma análise semântica para as sentenças intransitivas chamadas de incoativas periféricas. Apesar de haver alguns estudos semânticos para a alternância causativo-incoativa no PB (WHITAKER-FRANCHI, 1989; SOUZA, 1999; CIRÍACO; CANÇADO, 2009; CANÇADO; AMARAL, 2010; RIBEIRO, 2010; CANÇADO *et al.*, 2013), não existem muitos trabalhos que analisam o tipo de sentenças intransitivas em (b) de (4)-(6). Pretendemos mostrar aqui as propriedades que diferenciam os dois fenômenos em questão. Levantamos a hipótese de que, enquanto as incoativas canônicas são restritas por propriedades lexicais, as incoativas periféricas resultam de um tipo de alternância verbal que sofre restrições lexicais e pragmáticas. Mostraremos que essas sentenças geram certas implicaturas específicas, que estão envolvidas no licenciamento da forma intransitiva dos verbos transitivos agentivos do PB. A proposta que apresentamos é baseada nos dados e, em parte, na análise de Amaral (2015).

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção seguinte, mostramos uma comparação entre as sentenças incoativas periféricas e

<sup>1</sup> Sobre a inadequação de se chamar sentenças intransitivas de *ergativas*, ver Dixon (1994); sobre o termo *incoativo*, ver Lakoff (1970) e Cançado *et al.* (2013).

<sup>2</sup> Incoativas periféricas, conforme apontam Negrão e Viotti (2010), também se distinguem das sentenças chamadas de “médias” na literatura (por exemplo, *copo de vidro lava fácil*). Não estenderemos este assunto aqui, pois nos interessa a comparação entre incoativas canônicas e periféricas. Ressaltamos, porém, que tais sentenças se distinguem, pois as médias denotam estados e requerem a presença de um “advérbio facilitador”, nas palavras de Negrão e Viotti (2010), enquanto as incoativas periféricas denotam eventos e não requerem tais tipos de advérbios. Remetemos o leitor ao trabalho das autoras para mais detalhes.

as sentenças incoativas canônicas, explicitando as diferenças entre os fenômenos de alternância verbal envolvidos; na seção 3, apresentamos nossos dados e nossa análise para a alternância em questão, corroborando a hipótese levantada e apresentando as restrições semânticas e pragmáticas para sua ocorrência; a seção 4 traz nossas considerações finais.

## 2. Uma comparação com a alternância causativo-incoativa

Uma primeira característica que distingue os dois tipos de alternâncias mostradas em (1)-(6) é a uniformidade semântica dos verbos. A alternância causativo-incoativa, exemplificada em (1)-(3), é um fenômeno que ocorre em uma classe verbal semanticamente uniforme, a classe dos verbos de mudança de estado (FILLMORE, 2003 [1970]; LAKOFF, 1970; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; HASPELMATH, 1993, dentre outros).<sup>3</sup> Cançado *et al.* (2013) elencam 682 verbos de mudança de estado do PB; todos participam da alternância causativo-incoativa. Seguindo Parsons (1990), as autoras caracterizam os verbos de mudança de estado como verbos que possuem uma paráfrase do tipo *ficar/tornar-se estado*, em que o estado é denotado por um adjetivo morfologicamente relacionado ao verbo (as sentenças em (b) abaixo parafraseiam as sentenças em (a)):

- (7) a. Os vândalos quebraram os vidros da viatura.  
b. Os vândalos fizeram os vidros da viatura ficarem quebrados.
- (8) a. A empregada estragou a porta.  
b. A empregada fez a porta ficar estragada.
- (9) a. O cachorro rasgou a meia da moça.  
b. O cachorro fez a meia da moça ficar rasgada.

---

<sup>3</sup> Alguns autores, como Levin (1993), assumem que a alternância causativa-incoativa ocorre também com verbos de modo de movimento como *balançar* (*o vento balançou a cortina/a cortina balançou*). Seguindo Amaral (2012, 2015) assumimos que essa alternância é outro fenômeno semântico que se manifesta sintaticamente da mesma forma que a alternância causativo-incoativa.

Diferentemente, os verbos transitivos que aceitam a formação de intransitivas incoativas periféricas, exemplificados em (4)-(6), não são de mudança de estado (as sentenças em (b) abaixo não são totalmente agramaticais, porém, se aceitas por um falante do PB, não parafraseiam as sentenças em (a)):

- (10) a. A Fátima lavou a louça.  
b. ?A Fátima fez a louça ficar lavada.
- (11) a. A corretora vendeu aquela casa.  
b. ?A corretora fez aquela casa ficar vendida.
- (12) a. Os funcionários carregaram o caminhão.  
b. ?Os funcionários fizeram o caminhão ficar carregado.

Note que, os participantes denotados pelos complementos dos verbos nas sentenças em (7)-(9) sofrem uma mudança em seu estado físico, o que não ocorre com os participantes denotados pelos complementos dos verbos nas sentenças em (10)-(12). Quando lavamos a louça, por exemplo, não ocorre necessariamente mudança de estado da louça. Na perspectiva de Beavers (2011), consideramos que tal mudança é potencial, mas não necessária; podemos lavar a louça e ela continuar suja, ou não alterar suas propriedades. No caso do verbo *vender*, não há mudança de estado do objeto vendido, uma casa que é vendida não sofre nenhuma mudança em suas propriedades físicas. E no caso de *carregar* não há uma mudança de estado no caminhão que é carregado, mas uma mudança de posse, ele passa a ter algo que não tinha antes, carga. É importante ressaltar que, mesmo que seja possível imaginar que a louça passa a ficar lavada, que o imóvel passa a ficar vendido e que o caminhão passa a ficar carregado, não são essas as noções semânticas lexicalizadas por esses verbos, ou seja, não são essas as noções semânticas que figuram como relevantes para o agrupamento desses verbos em classes e para a determinação de sua estrutura sintática. Percebemos também que, além de os verbos não serem de mudança de estado, não apresentam uniformidade semântica entre si; cada um dos verbos exemplificados em (10)-(12) pertence a uma classe verbal diferente. Amaral (2015) aponta, ainda, que a alternância para sentenças incoativas periféricas não é tão

produtiva como a alternância para sentenças incoativas canônicas no PB, apresentando apenas 37 verbos que participam do primeiro fenômeno.<sup>4</sup>

Verbos como *lavar* são verbos de afetação (JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1991; LEVIN, 1993; GODOY, 2012). Tais verbos lexicalizam uma ação de um agente sobre um paciente, que necessariamente envolve contato entre os participantes, e podem ser caracterizados pela paráfrase mais geral *alguém afeta algo/alguém de uma determinada maneira*, em que essa maneira pode ser expressa pela forma de gerúndio do verbo.

- (13) a. A Fátima lavou a louça.  
b. A Fátima afetou a louça, lavando-a.

Como já apontamos, os eventos denotados por esses verbos são potencialmente causadores de uma mudança de estado. Tais eventos são ações que um agente realiza e que podem vir a causar uma mudança de estado no paciente, mas essa mudança de estado não é necessária e não é lexicalizada pelo verbo. O verbo apenas lexicaliza a ação do agente, não trazendo em seu sentido nenhum tipo de resultado dessa ação. Outros verbos desse tipo que participam da alternância são *afiar, amolar, apontar, assar, calibrar, centrifugar, chocar, coar, cozinhar, enrolar, enxaguar, enxugar, filtrar, refogar, limpar, fritar*.<sup>5</sup>

Verbos como *vender* são verbos de nomes eventivos (AMARAL; CANÇADO, 2014). Esses verbos lexicalizam a realização de um evento por parte do agente, que envolve um participante paciente. Tais verbos não são de mudança de estado, mas descrevem uma ação e seu resultado final. No caso desses verbos, o resultado final da ação é um tipo de

---

<sup>4</sup> Ressaltamos que são utilizados como dados para esta análise somente exemplos atestados, ou seja, verbos para os quais foram encontradas sentenças intransitivas em contextos reais de uso da língua (LAPORTE, 2008). Para cada um dos verbos listados, Amaral (2015) elenca sentenças reais coletadas de textos da internet, que comprovam a ocorrência da incoativa periférica. Por exemplo: *A roupa lavou, finalmente, depois de parar com este tal erro por uns 10 vezes* (encontrado em: <http://www.reclameaqui.com.br/6025021/brastemp-consul/lava-e-seca-nao-funciona/> Acesso em 03 out. 2013). A atestação desse tipo de dado tem uma grande importância, devido à dificuldade em se julgar a gramaticalidade dessas sentenças.

<sup>5</sup> Exemplos atestados de sentenças incoativas periféricas com esses verbos estão disponíveis em AMARAL (2015), [www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes](http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes).

evento. Em geral, tais verbos podem ser parafraseados por sentenças do tipo *um agente faz/realiza um evento em um paciente*, em que esse evento é um nome morfológicamente relacionado ao verbo (PIÑON, 2010; GODOY, 2012).

- (14) a. A corretora vendeu aquela casa.  
b. A corretora fez/realizou a venda daquela casa.

Assim, para o verbo *vender*, por exemplo, tem-se como resultado final da ação do agente *a venda de algo*. Outros verbos dessa classe que aceitam a formação de incoativas periféricas são: *alugar, batizar, bordar, consertar, crismar, digitalizar, descarregar, desembarcar, desocupar, pintar, imprimir, ligar, fabricar*.<sup>6</sup>

Por fim, verbos como *carregar* pertencem à classe dos verbos de mudança de posse, conhecidos também como *locatum verbs* na literatura do inglês (CLARK; CLARK, 1979; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; HALE; KEYSER, 2002; CANÇADO *et al.*, 2013). Esses verbos denotam uma mudança de posse do argumento paciente em relação ao nome contido no verbo (*carga/carregar*). Assim, a paráfrase mais geral para esses itens é *o agente faz o paciente ficar com algo*, em que esse algo é denotado pelo nome do qual o verbo é derivado, como apontam CANÇADO *et al.* (2013).

- (15) a. Os funcionários carregaram o caminhão.  
b. Os funcionários fizeram o caminhão ficar com carga.

Os verbos de mudança de posse, apesar de não descreverem mudança de estado, apresentam também um resultado final da ação, a mudança de posse. No caso de *carregar*, por exemplo, tem-se como resultado final da ação *algo com carga*. Outros verbos de mudança de posse que participam da alternância são *asfaltar, calçar, engessar, envernizar, rebocar*.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Exemplos atestados de sentenças incoativas periféricas com esses verbos estão disponíveis em AMARAL (2015), <[www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes](http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes)>.

<sup>7</sup> Exemplos atestados de sentenças incoativas periféricas com esses verbos estão disponíveis em AMARAL (2015), <[www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes](http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes)>.

Além de a alternância que gera incoativas periféricas não ocorrer com verbos de uma mesma classe, não ocorre também sistematicamente em uma classe de verbos, ou seja, não ocorre com todos os verbos de cada uma das classes mencionadas acima. Como já apontamos, a alternância causativo-incoativa ocorre sistematicamente com todos os verbos de mudança de estado, como apontam CANÇADO *et al.* (2013). Para as classes apresentadas acima, entretanto, apenas alguns verbos podem ocorrer na forma intransitiva:

- (16) a. A Fátima esfregou o chão. (*esfregar*: afetação, AMARAL, 2015)  
 b. ???O chão já esfregou.
- (17) a. A corretora comprou aquela casa. (*comprar*: nomes eventivos, AMARAL; CANÇADO, 2014)  
 b. ???Aquela casa já comprou.
- (18) a. A menina vestiu a boneca. (*vestir*: mudança de posse, CANÇADO *et al.*, 2013)  
 b. ???A boneca já vestiu.<sup>8</sup>

Com base na uniformidade semântica da classe de verbos que apresenta a alternância causativo-incoativa, apontamos uma segunda propriedade importante desse fenômeno linguístico, seu caráter lexical. Jackendoff (1975) e Wason (1977) argumentam que a alternância é lexical, pois a única restrição para sua ocorrência é o sentido do verbo. Na determinação dessa alternância, não entram em jogo quaisquer outras propriedades semânticas, sintáticas, pragmáticas ou morfológicas, além do sentido lexical específico do verbo. De acordo com Rappaport Hovav (2014), na alternância causativo-incoativa, qualquer situação que puder ser descrita pela forma causativa de um verbo alternante pode também ser descrita pela forma incoativa do mesmo verbo. De acordo com Wason (1977, p. 330), “regras lexicais não devem poder se referir a aspectos dos contextos em que um item lexical ocorre, além daqueles aspectos que

<sup>8</sup> Dados como os apresentados em (b) de (16)-(18) não foram atestados em textos reais.

devem, por razões independentes, estar incluídos nas entradas lexicais.”<sup>9</sup> Autores como Levin e Rappaport Hovav (1995), Piñón (2001) e Hale e Keyser (2002) também afirmam que o processo é lexical no inglês. Reinhart e Siloni (2005) e Horvath e Siloni (2011a) fazem a mesma afirmação, entretanto, estendem-na para todas as línguas, atribuindo um caráter universal para esse tipo de alternância. No PB, Caçado e Amaral (2010) também assumem essa perspectiva. Podemos reiterar essa afirmação constatando que a única restrição para a ocorrência desse fenômeno é a presença da lexicalização do sentido de mudança de estado no verbo em questão, como apontam Caçado *et al.* (2013). Não são necessárias quaisquer outras condições, de caráter sintático, semântico, pragmático ou morfológico.

Diferentemente, a alternância que gera incoativas periféricas não parece ser estritamente lexical. Como foi visto, a alternância não ocorre uniformemente com verbos de um mesmo tipo semântico, além de ocorrer em três classes distintas. Isso indica que as restrições para sua ocorrência não possuem um caráter estritamente lexical, ou seja, não estão relacionadas apenas ao sentido lexical do verbo. Se esse fosse o caso, seria de se esperar que todos os verbos de uma mesma classe semântica participassem da alternância.

Além disso, essa alternância apresenta uma preferência para contextos sentenciais específicos, como já apontam Ciríaco e Caçado (2009), com o uso de modificadores, como o *já*, *ainda não*, ou em perguntas. Note a estranheza das sentenças intransitivas sem quaisquer marcas:

(19) ?A minha meia de jogar bola lavou.

(20) ?O apartamento vendeu.

(21) ?O caminhão de bananas carregou.

A introdução de outros elementos nessas sentenças faz com que elas tenham uma melhor aceitabilidade:

<sup>9</sup> Do original: “lexical rules ought not to be able to refer to aspects of the environments in which the lexical items appear, other than those aspects that must for independent reasons be included in the lexical entries anyway” (tradução nossa).

- (22) Mãe, minha meia de jogar bola lavou?
- (23) O apartamento que você queria ainda não vendeu.
- (24) O caminhão de bananas já carregou; pode seguir viagem.

Ainda, há a escolha por certos tipos de argumentos, não sendo qualquer situação descrita pela contraparte transitiva que pode ser descrita pela contraparte intransitiva:

- (25) a. A Fátima lavou a orelha do menino.  
b. ???A orelha do menino já lavou.
- (26) a. A menina vendeu a sua bolinha de gude favorita.  
b. ???A bolinha de gude favorita já vendeu.
- (27) a. O caixa carregou o porta malas da cliente idosa.  
b. ???O porta malas da cliente idosa já carregou.

A necessidade de um contexto sentencial específico, ou de argumentos específicos, para que as incoativas periféricas sejam licenciadas, como mostramos acima, sugere que esse fenômeno não é restrito apenas por propriedades lexicais, como a alternância causativo-incoativa. Existem para a formação dessas intransitivas restrições que vão além do sentido lexical dos verbos. Portanto, a natureza estritamente lexical da alternância causativo-incoativa é outro fator que a diferencia da alternância que gera incoativas periféricas.

Ainda podemos diferenciar os dois tipos de alternância pela semântica do agente nas formas intransitivas. Haspelmath (1993), Schepper (2010), Rappaport Hovav e Levin (2012), Rákosi (2012), Horvath e Siloni (2011a, 2011b, 2013) e Cançado *et al.* (2013) argumentam que as sentenças incoativas canônicas denotam eventualidades espontâneas, não sendo possível retomar a presença de um agente. Assim, nessas sentenças não se recupera a causa da mudança de estado, sendo elas compatíveis com modificadores que denotam a espontaneidade, como *do nada/sem ninguém fazer nada*:

(28) Os vidros da viatura (se) quebraram do nada/sem ninguém fazer nada.

(29) A porta (se) estragou do nada/sem ninguém fazer nada.

(30) A meia da moça (se) rasgou do nada/sem ninguém fazer nada.

Rákosi (2012) argumenta que esse tipo de modificação (em sua argumentação, o autor utiliza expressões como *sozinho/por si só*) é usado para negar a existência de uma causa do evento, se esta tiver sido afirmada no discurso. Segundo o autor, a possibilidade de ocorrência dessas expressões em incoativas canônicas evidencia a ausência total da causa do evento nessas sentenças. Portanto, a forma transitiva da alternância contém as propriedades semânticas de causação e de incoação e a forma intransitiva contém apenas a propriedade semântica de incoação (relacionada à paráfrase *ficar/tornar-se estado*; LAKOFF, 1970).

Diferentemente, as incoativas periféricas não aceitam o tipo de modificação exemplificado acima, o que mostra que, ao contrário das incoativas canônicas, elas não descrevem eventos espontâneos:

(31) \*A roupa lavou do nada/ sem ninguém fazer nada.

(32) \*A casa vendeu do nada/ sem ninguém fazer nada.

(33) \*O caminhão carregou do nada/ sem ninguém fazer nada.

Ainda, segundo Parsons (1990), sentenças incoativas canônicas são acarretamentos de sentenças causativas, ou seja, se alguém quebrou o copo, necessariamente o copo se quebrou, se alguém estragou a porta, necessariamente a porta se estragou e assim por diante. Já o inverso não ocorre: se o copo se quebrou, não necessariamente algo/alguém quebrou o copo e se a porta se estragou, não necessariamente algo/alguém estragou a porta. Haspelmath (1993), e também Horvath e Siloni (2011a), argumentam que as incoativas canônicas se distinguem das passivas justamente por não apresentarem a causa da mudança de estado lexicalizada.<sup>10</sup> Já nas passivas, há o acarretamento da transitiva:

---

<sup>10</sup> Apesar de ser possível que exista para os eventos descritos nas sentenças incoativas uma causa no mundo.

se o copo foi quebrado, necessariamente alguém quebrou o copo; se a porta foi estragada, necessariamente alguém estragou a porta. Veja a contradição das sentenças abaixo, diferentemente do apresentado nas sentenças de (28) a (30):

(34) ⊢ O copo foi quebrado do nada/ sem ninguém fazer nada.<sup>11</sup>

(35) ⊢ A porta foi estragada do nada/ sem ninguém fazer nada.

(36) ⊢ A meia da moça foi rasgada do nada/ sem ninguém fazer nada.

Na alternância que gera incoativas periféricas, semelhantemente às passivas e diferentemente das incoativas canônicas, há um acarretamento no sentido inverso, a intransitiva acarreta a transitiva. Ou seja, se a louça já lavou, necessariamente alguém lavou a louça, se a casa já vendeu, necessariamente alguém vendeu a casa, se o caminhão já carregou, necessariamente alguém carregou o caminhão. Podemos afirmar, portanto, que enquanto sentenças incoativas canônicas apresentam a total supressão do argumento agente/causa do verbo, nas sentenças incoativas periféricas, a agentividade permanece presente semanticamente.

Uma quarta característica que podemos apontar para a alternância causativo-incoativa é o fato de que em PB, e em outras línguas românicas, um grupo de verbos que possui a forma incoativa pode ser marcado com o clítico *se* (ou outros correspondentes às outras pessoas do discurso), que, nesses casos, não possui valor argumental (CAMACHO, 2003):<sup>12</sup>

(37) a. Os vândalos quebraram os vidros da viatura.

b. Os vidros da viatura quebraram./ Os vidros da viatura se quebraram.

(38) a. A empregada estragou a porta.

b. A porta estragou./ A porta se estragou.

<sup>11</sup> O símbolo ⊢ indica que a sentença é contraditória (CANN, 1993).

<sup>12</sup> Para uma comparação entre os diferentes tipos de *se*, argumentais e não argumentais, ver Nunes (1990, 1995), Godoy (2012) e Caçado e Amaral (2016). Para uma comparação entre sentenças incoativas e reflexivas, ver Amaral (2015).

- (39) a. O cachorro rasgou a meia da moça.  
 b. A meia da moça rasgou./ A meia da moça se rasgou.

Se verbos como *lavar*, *vender* e *carregar* participassem da alternância causativo-incoativa, seria de se esperar que aceitassem a inserção do clítico *se* em sua forma intransitiva. Porém, a inserção do clítico não é licenciada nas formas intransitivas desses verbos:

- (40) \*A roupa se lavou.  
 (41) \*A casa se vendeu.  
 (42) \*O caminhão se carregou.

Portanto, essa característica diferencia as incoativas periféricas de um primeiro grupo de incoativas canônicas.

Entretanto, Cançado e Amaral (2010) observam que nem todos os verbos de mudança de estado aceitam o clítico *se* na sua forma intransitiva. Existe um grupo de verbos de mudança de estado, ou seja, verbos que trazem em seu sentido a semântica de incoação (relacionada à paráfrase *ficar/tornar-se estado*; LAKOFF, 1970), que não aceita a inserção do clítico *se* na sua forma intransitiva e, ainda assim, essas formas são consideradas incoativas canônicas:

- (43) a. O calor murchou a rosa.  
 b. A rosa ficou/se tornou murcha.  
 c. A rosa murchou./\*A rosa se murchou.

Isso poderia ser um problema para se diferenciar as incoativas periféricas dessas formas incoativas canônicas. Mas mostramos que, além das diferenças já apontadas acima, existe ainda uma distinção muito marcante entre esses dois tipos de formas intransitivas no PB. Cançado e Gonçalves (2016) propõem, baseadas em Haspelmath (1993), que existem duas perspectivas envolvidas na alternância causativo-incoativa no português.<sup>13</sup> Uma primeira, que é a perspectiva da causação para

<sup>13</sup> Essa afirmação é válida tanto para o português brasileiro quanto para o português europeu.

a incoação, ocorre com verbos causativos que aceitam um agente na forma transitiva e recebem o *se* na forma incoativa para marcar que essa é uma forma derivada. Uma segunda, que é a perspectiva da incoação para a causação, ocorre com verbos processuais, quando estes aceitam uma causativização. Para Cançado e Gonçalves (2016), essa segunda alternância não aceita o clítico *se* na forma intransitiva, pois esta é a sua forma básica, não derivada. A forma transitiva, que é a forma derivada, não é marcada. Evidências apontadas por Cançado e Amaral (2010) mostram que esses dois grupos de verbos, apesar de denotarem mudança de estado, se comportam, em certos aspectos sintáticos, diferentemente. Verbos que são basicamente transitivos aceitam o clítico *se* e a passivização, característica de verbos agentivos (JACKENDOFF, 1972):

- (44) a. Os vidros da viatura se quebraram.  
b. Os vidros da viatura foram quebrados pelos vândalos.
- (45) a. A porta se estragou.  
b. A porta foi estragada pela empregada.
- (46) a. A meia da moça se rasgou.  
b. A meia da moça foi rasgada pelo cachorro.

Entretanto, verbos que apenas aceitam uma causativização, sendo a intransitiva a forma básica, não admitem o *se* na forma incoativa e não aceitam um agente na forma transitivo-causativa. Igualmente, as autoras apontam essa correlação através das sentenças passivas: verbos que não recebem *se* na forma incoativa não aceitam passivização, que é uma propriedade de verbos processuais, não de agentivos:

- (47) \*A rosa se murchou.
- (48) a. \*O vendedor murchou a rosa deliberadamente.  
b. \*A rosa foi murchada pelo vendedor.

Comparando a análise de Cançado e Amaral (2010) aos nossos exemplos de incoativas periféricas, podemos considerar que verbos como *lavar*, *vender* e *carregar* não formam intransitivas como *murchar*, pois, ao contrário desse verbo, são agentivos e formam passivas. Portanto,

concluimos que sentenças intransitivas com verbos como *lavar*, *vender* e *carregar* não se comportam como os dois grupos de incoativas canônicas, o que nos leva a corroborar a análise de Ciríaco e Cançado (2009) de que essas sentenças resultam de um fenômeno semântico distinto da alternância causativo-incoativa.

Em resumo, as sentenças intransitivas incoativas periféricas são diferentes das sentenças intransitivas incoativas canônicas por ocorrerem com um grupo de verbos heterogêneo, por apresentarem restrições além do sentido lexical do verbo, por incluírem semanticamente o agente e, ainda, por não apresentarem o clítico *se*. Apenas a forma sintática dessas sentenças é semelhante à forma incoativa. Concluimos, assim, que as formas intransitivas de verbos como *lavar*, *vender* e *carregar* não são sentenças incoativas canônicas e não resultam de um processo de alternância causativo-incoativa. Mostramos, a seguir, nossa análise para esse fenômeno e as restrições para sua ocorrência.

### 3. Uma análise semântico-pragmática para os dados do PB

Retomando o que foi visto na seção anterior, a alternância que gera incoativas periféricas ocorre em pelo menos três classes de verbos do PB: os verbos de afetação (como *lavar*), os verbos de nomes eventivos (como *vender*) e os verbos de mudança de posse (como *carregar*). Os verbos dessas três classes apresentam duas propriedades semânticas em comum: são agentivos e transitivos diretos, apresentando dois argumentos, um agente e um paciente:

(49) *lavar*: {Agente, Paciente}

(50) *vender*: {Agente, Paciente}

(51) *carregar*: {Agente, Paciente}

Constatamos, portanto, que uma primeira restrição para a ocorrência dessa alternância é lexical: o verbo em questão deve ser agentivo e biargumental, apresentando a grade temática *v*: {Agente, Paciente}.

Além disso, como apontam Ciríaco e Cançado (2009), essa alternância tem uma maior aceitabilidade em contextos sentenciais específicos, que podem ser vistos como uma segunda restrição para

sua ocorrência. Novamente, comparamos sentenças intransitivas com os verbos acima; note que, ao incluirmos certas marcas na sentença intransitiva, nos exemplos em (b) abaixo, a aceitabilidade das sentenças aumenta consideravelmente:

- (52) a. ?O copo lavou.  
b. Mesmo depois de duas horas na lava-louças, o copo ainda não lavou.
- (53) a. ?O apartamento vendeu.  
b. O cliente gostaria de saber se o apartamento já vendeu.
- (54) a. ?A carreta carregou.  
b. A carreta já carregou?

Consideramos que sentenças como as em (a) de (52)-(54) não são agramaticais, porém não apresentam um alto grau de aceitabilidade. Para que essas sentenças se tornem totalmente aceitas, é necessário certo contexto sentencial, com a adição de modificadores, da negação ou da prosódia de pergunta.

Mostramos também, na seção anterior, que as intransitivas com esses verbos são aceitas apenas para certos tipos de argumentos. Retomamos os exemplos a seguir:

- (55) a. A Fátima lavou a orelha do menino.  
b. ???A orelha do menino já lavou.
- (56) a. A aluna vendeu a coxinha na escola.  
b. ???A coxinha já vendeu.
- (57) a. O caixa carregou o porta malas da cliente idosa.  
b. ???O porta malas da cliente idosa já carregou.

Essa é a terceira restrição para a ocorrência da alternância no PB.

Ainda, como já afirmamos, a alternância não é licenciada com todos os membros das três classes apontadas acima, os verbos de afetação (como *lavar*), os verbos de nomes eventivos (como *vender*) e os verbos de mudança de posse (como *carregar*). Isso sugere que existem

outras restrições para a ocorrência dessa forma intransitiva, além de propriedades semântico-lexicais e sentenciais:

- (58) a. A Fátima esfregou o chão. (*esfregar*: afetação; AMARAL, 2015)  
b. ???O chão já esfregou.
- (59) a. A corretora comprou aquela casa. (*comprar*: nome eventivos, AMARAL; CANÇADO, 2014)  
b. ???Aquela casa já comprou.
- (60) a. A menina vestiu a boneca. (*vestir*: mudança de posse, CANÇADO *et al.*, 2013)  
b. ???A boneca já vestiu.

Nesses casos, as primeiras restrições foram obedecidas, ou seja, os verbos são transitivos diretos e agentivos e ocorreram em contextos sentenciais favoráveis. Entretanto, ainda assim, a alternância não foi licenciada. Dessa forma, seguindo Ciríaco e Cançado (2009), propomos que há ainda uma restrição de caráter pragmático sobre a formação dessas sentenças intransitivas.

Na nossa análise dos dados, constatamos que as incoativas periféricas apresentam algumas características pragmáticas peculiares. Retomando os exemplos apresentados, vamos evidenciar tais características:

- (61) A louça já lavou.
- (62) Aquela casa já vendeu.
- (63) O caminhão já carregou.

Nos exemplos de (61) a (63), há uma implicatura de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante. Observamos que *lavar*, em sentenças como *a louça/a roupa já lavou* remetem automaticamente a ações realizadas por meio de máquinas de lavar; *vender* apenas ocorre em intransitivas quando se deixa algo para vender, em um anúncio, em uma imobiliária, etc.; também

*carregar* parece aceitar a alternância quando usado em um contexto em que o carregamento é feito por alguém distinto, que deixa aquela tarefa para outro fazer, seja outro agente, seja um instrumento. Além disso, o falante não presencia a ação (MCCAWLEY, 1978), mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado.<sup>14</sup> Note que, em contextos em que é o próprio falante que realiza as ações descritas por *lavar*, *vender* e *carregar* ou em que ele presencia diretamente tais ações, as sentenças em (61)-(63) não serão adequadas.

Para corroborar nossa análise, apresentamos a seguir alguns exemplos contextualizados, que explicitam essas implicaturas:

- (64) A colocou todos os pratos, talheres, copos e panelas sujos do almoço na lava-louças; se sentou e esperou a lavagem se completar. Quando ouviu o sinal sonoro indicando que o processo havia terminado, disse:  
A: Finalmente, a louça já lavou.
- (65) A cadastrou seu imóvel em uma imobiliária, com o objetivo de vendê-lo com algum corretor. Alguns dias depois o corretor conseguiu vender o imóvel e A contou a notícia a uma amiga:  
A: Meu imóvel já vendeu.
- (66) A é motorista de caminhão e dirige os caminhões que B carrega (mas não sabe que B é o carregador de seus caminhões). Quando chega na empresa de manhã, A logo pergunta:  
A: Meu caminhão já carregou?

---

<sup>14</sup> Rezende (2016) desenvolveu um experimento de produção eliciada para testar a ocorrência de incoativas periféricas (chamadas pela autora de “absolutas”). Nesse experimento, os sujeitos deveriam descrever situações com e sem a presença do participante agente. Corroborando a nossa proposta de que as incoativas periféricas ocorrem em contextos em que o falante não presencia a ação, nenhum dos sujeitos adultos do experimento produziu sentenças incoativas periféricas em situações com a presença do participante agente.

Agora mostramos as mesmas sentenças intransitivas exemplificadas acima, porém em contextos que barram as implicaturas especificadas, ou seja, a ação está sendo realizada pelo próprio falante (em (a)) ou o falante presencia a ação (em (b)):

(67) a) A lavou manualmente, com bucha e detergente, todos os pratos, talheres, copos e panelas sujos do almoço. No final de sua tarefa, disse:

A: ???Finalmente, a louça já lavou.

b) A observou de perto a faxineira lavar manualmente, com bucha e detergente, todos os pratos, talheres, copos e panelas sujos do almoço. No final da tarefa da faxineira, disse:

A: ???Finalmente, a louça já lavou.

(68) a) A resolveu vender o seu imóvel sozinho, sem o auxílio de corretores. Quando conseguiu fazer a venda e acabou de assinar o contrato com o comprador, ligou para um amigo para contar a novidade:

A: ???Meu imóvel já vendeu.

b) B resolveu vender o seu imóvel, sem o auxílio de corretores, mas com a ajuda de A. Quando conseguiram fazer a venda, A ligou para um amigo para contar a novidade:

A: ???O imóvel de B já vendeu.

(69) a) A é carregador de caminhões. Hoje de manhã ele carregou uma carreta. Quando terminou, disse:

A: ???A carreta já carregou.

b) A é amigo de B, carregador de caminhões. Hoje de manhã A acompanhou de perto o trabalho do seu amigo, que carregou uma carreta. Quando o trabalho terminou, A disse:

A: ???A carreta já carregou.

Como nos contextos em (67)-(69) não é possível se obter a implicatura de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e que o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre

esse resultado, sentenças como *a louça já lavou, o imóvel já vendeu e a carreta já carregou* não são adequadas.<sup>15</sup>

Propomos que a implicatura acima, relacionada ao agente das incoativas periféricas, é do tipo generalizada e decorre da Máxima de Quantidade proposta por Grice (1975): faça a sua contribuição tão informativa quanto necessária para o objetivo da comunicação. As implicaturas generalizadas surgem sem que sejam requeridos contextos específicos, são inferências disparadas normalmente, dependentes apenas do contexto gramatical, e que não ocorrem apenas se o contexto indicar o oposto (OLIVEIRA; BASSO, 2014). No caso em análise, a implicatura é gerada apenas pela forma da sentença incoativa periférica: o falante gera a implicatura de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto dele próprio e que ele não presencia a ação. Seguindo a Máxima de Quantidade, o falante omite o agente na sentença. Com isso, o interlocutor infere que se o falante apenas explicitou o paciente, essa é a parte necessária para se efetivar a comunicação. Ainda, como ele omitiu a informação a respeito de quem fez a ação, provavelmente, o falante não tem informações sobre isso, inferindo-se que não foi ele que realizou a ação e que também não a presenciou. Em casos como esse, é possível calcular a implicatura a partir da forma que as sentenças incoativas periféricas se apresentam. Assim, propomos o seguinte cálculo para essa implicatura:

- (70) –  $X V_{ação}$   $Y$  é uma forma possível para descrever o evento  $E$ ;  
 – Mas o falante  $A$ , para descrever o evento  $E$ , usa a forma  $Y$   
*já/ainda não...  $V_{ação}$* ;  
 +> o falante não é  $X$  e também não presencia a ação de  $X$  no evento  $E$ .<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Para reafirmar a diferença entre as incoativas periféricas e as sentenças incoativas canônicas, notamos que essa diferenciação contextual não ocorre nesse último caso. Compare os exemplos em (67)-(69) com o exemplo abaixo:

i. Eu joguei o copo no chão com o objetivo de quebrá-lo. Ao final, exclamei: -o copo quebrou!

Para que a sentença incoativa em (i) seja adequada não é necessário que estejam presentes as implicaturas explicitadas acima.

<sup>16</sup> O símbolo +> significa que a enunciação da sentença anterior geralmente produzirá a seguinte implicatura (YULE, 1996).

Entretanto, é importante realçar que a ideia de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante é uma implicatura e, portanto, em outros contextos, pode ser negada, o que é propriedade típica desse tipo de inferência. Veja os exemplos:

(71) A diz:

A: A louça já lavou.

B, que não viu a ação, comenta:

B: Que bom ter uma máquina para fazer o trabalho!

(partindo de uma implicatura preferencial, B infere que não foi A que lavou a louça).

Entretanto, A retruca, negando a implicatura:

A: Não, não foi a máquina que fez o trabalho; fui eu mesmo.

(72) A diz:

A: Sabe aquele apartamento que você queria? Já vendeu.

B, que não viu a ação, comenta:

B: Ah, então o corretor fez um bom trabalho!

(partindo de uma implicatura preferencial, B infere que não foi A que vendeu o apartamento).

A retruca, negando a implicatura:

A: Não, não foi ele, fui eu mesmo que vendi.

(73) A diz:

A: A carreta já carregou.

B, que não viu a ação, comenta:

B: Puxa, o pessoal foi rápido!

(partindo de uma implicatura preferencial, B infere que não foi A que carregou a carreta).

A retruca, negando a implicatura:

A: Não...não foram eles, não; fui eu mesmo que carreguei a carreta.

Retomando os exemplos de verbos que não aceitam a alternância, *esfregar*, *comprar* e *vestir*, podemos agora explicar, com base na restrição pragmática proposta acima, por que tais verbos não apresentam a forma intransitiva. Os verbos que ocorrem em sentenças incoativas periféricas descrevem eventos que são compatíveis com situações em que as restrições pragmáticas apontadas podem ocorrer: a ação é realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e o falante não presencia a ação. *Esfregar*, *comprar* e *vestir* descrevem eventos em que, normalmente, alguém realiza a ação por si só, sem delegar a sua realização a outro agente ou a um instrumento. Portanto, tais verbos não descrevem eventos compatíveis com o contexto pragmático adequado para a alternância.

A partir dessa restrição, é possível também explicar a restrição a certos tipos de argumentos nas incoativas periféricas, como mostramos nos exemplos em (55)-(57). VPs como *lavar a orelha do menino*, *vender a coxinha na escola* e *carregar o porta malas* descrevem eventos em que, normalmente, alguém realiza a ação por si só, sem delegar a sua realização a outro agente ou a um instrumento. Apesar de tais verbos, então, serem compatíveis com a restrição pragmática proposta, nem todos os VPs formados por esses verbos serão. Portanto, a restrição a certos tipos de argumentos pode ser vista como consequência da restrição pragmática para a ocorrência das incoativas periféricas.

A existência de restrições pragmáticas para a ocorrência de certos tipos de alternâncias não é incomum em PB. Uma restrição similar é proposta, por exemplo, para a alternância agente-beneficiário, descrita em Cançado (2010) e Cançado *et al.* (2013). Nesse caso, verbos transitivos diretos agentivos podem ocorrer em sentenças em que o agente da ação fica em posição de complemento da preposição *com*, enquanto a posição de sujeito é ocupada por um beneficiário:

- (74) a. A manicure do bairro fez a unha da modelo.  
b. A modelo fez a unha com a manicure do bairro.
- (75) a. Um bom profissional decorou o sobrado da Maria.  
b. A Maria decorou o sobrado com um bom profissional,
- (76) a. Um bom vidraceiro consertou os vidros da casa da Carla.  
b. A Carla consertou os vidros da casa com um bom vidraceiro.

Para que as sentenças como as em (b) acima sejam licenciadas, o verbo, além de ser agentivo e biargumental, deve denotar uma ação em que é possível que um agente indireto licencie outro agente a agir em seu lugar. Segundo Cançado *et al.* (2013, p. 72), “a alternância só é permitida se pudermos inferir do sintagma verbal um tipo de ação que alguém usualmente solicita a outra pessoa, provavelmente um profissional da área, a fazer por ele”. Não é possível se ter a alternância, por exemplo, com verbos como *agasalhar* (\**a mulher agasalhou o menino com a babá*) e *aquecer* (\**aqueci a sala com um bom instalador de aquecedores*), que descrevem ações que normalmente não se pede a um profissional para fazer.

É interessante notar que as restrições pragmáticas para a ocorrência das incoativas periféricas e para a alternância agente-beneficiário são similares. Nos dois casos, é necessária uma certa distância entre o agente e a ação – uma agentividade indireta. Assim, há uma tendência dos verbos que formam incoativas periféricas a aceitarem também a alternância agente-beneficiário; da mesma forma, os verbos que não formam incoativas periféricas, tendem a não aceitar a alternância agente-beneficiário:

- (82) a. A lavadeira da esquina lavou as roupas da dona de casa.  
b. A dona de casa lavou as roupas com a lavadeira da esquina.
- (78) a. Uma boa imobiliária vendeu o apartamento da Fátima.  
b. A Fátima vendeu o apartamento com uma boa imobiliária
- (79) a. Os carregadores da firma carregaram o caminhão do Carlos.  
b. O Carlos carregou o caminhão com os carregadores da firma.
- (80) a. Uma boa empregada esfregou o chão da sala da Fátima.  
b. ???A Fátima esfregou o chão da sala com uma boa empregada.
- (81) a. Um bom corretor comprou aquela casa da Célia.  
b. ???A Célia comprou aquela casa com um bom corretor.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Note que essa sentença é possível em outra leitura: a de que o corretor foi o vendedor da casa. Não é possível a leitura da alternância agente-beneficiário, que seria a de que o corretor comprou a casa.

- (82) a. A babá vestiu a boneca da menina.  
b. ???A menina vestiu a boneca com a babá.

Além das implicaturas mostradas em relação ao agente, outra característica pragmática das incoativas periféricas é o foco no resultado final da ação; essas sentenças realçam o resultado final da ação, que é marcado como a informação nova ou mais proeminente do enunciado. Segundo Erteschik-Shir (2007), sob a perspectiva pragmática, o foco é a informação relativamente mais importante ou saliente em uma dada troca comunicativa, é a parte do enunciado para a qual o falante deseja atrair a atenção do interlocutor. A informação transmitida no foco é geralmente a informação nova, mas, se não for nova, enfatiza e dá proeminência a alguma informação já disponível para o interlocutor. As incoativas periféricas, quando ocorrem com verbos que já lexicalizam um resultado, verbos com nomes eventivos e verbos de mudança de posse, focalizam o resultado final da ação que já está presente no sentido lexical desses verbos. O resultado final lexicalizado por verbos com nomes eventivos é a ocorrência de um evento (*a venda da casa*, por exemplo) e o resultado final lexicalizado por verbos de mudança de posse é a mudança de posse (*o caminhão com carga*, por exemplo). Veja como as sentenças abaixo focalizam esses resultados, caracterizando-os como informação nova e mais proeminente:

- (83) A casa já vendeu.

(Não interessa ao falante explicitar para o ouvinte quem é o agente; o que é relevante, nesse caso, é o fato de que a venda da casa ocorreu, ou seja, o resultado que se obtém quando alguém realiza a ação descrita por *vender* foi obtido).

- (84) O caminhão já carregou.

(Não interessa ao falante explicitar para o ouvinte quem é o agente; o que é relevante, nesse caso, é o fato de que o caminhão ficou com carga, ou seja, o resultado que se obtém quando alguém realiza a ação descrita por *carregar* foi obtido).

No caso dos verbos de afetação, que não lexicalizam nenhum tipo de resultado, como mostramos, ocorre algo semelhante. Seguindo Beavers (2011), assumimos que, apesar de esses verbos não acarretarem

nem lexicalizarem nenhum resultado, eles indicam um tipo de mudança potencial, então a ação descrita por eles potencialmente causa um resultado. Assim, quando esses verbos ocorrem na alternância, a contraparte intransitiva gera uma implicatura de que o resultado possivelmente obtido através da ação descrita pelo verbo foi de fato obtido. Note que quando lavamos algo, esperamos que esse algo se torne limpo, mesmo não sendo a limpeza um resultado necessariamente obtido através da ação descrita por *lavar*. Tal resultado é também focalizado na sentença intransitiva, mesmo implicado, sendo caracterizado como informação nova e mais proeminente:

(85) A roupa já lavou.

(Não interessa ao falante explicitar para o ouvinte quem é o agente; o que é relevante, nesse caso, é o fato de que a roupa ficou bem lavada ou limpa, ou seja, o resultado que se obtém, potencialmente, quando alguém realiza a ação descrita por *lavar* foi obtido).

Propomos que a implicatura de resultado gerada nas sentenças intransitivas com verbos de afetação também decorre da Máxima de Quantidade proposta por Grice (1975): faça a sua contribuição tão informativa quanto necessária para o objetivo da comunicação. Seguindo essa máxima, o falante omite o agente na sentença para passar apenas a informação necessária sobre o resultado final da ação. Também nesse caso, trata-se de uma implicatura generalizada, pois apenas por proferir a sentença incoativa periférica com um verbo de afetação o falante gera tal implicatura, sem que seja necessário algum contexto específico. De fato, parece que a implicatura de resultado é uma especificação da implicatura gerada por verbos de ação, mas mais restritamente, gerada por verbos de ação que causam apenas a afetação do objeto. Propomos que o cálculo dessa implicatura pode ser feito da seguinte forma:

- (86) –  $XV_{ação(afetação)}$   $Y$  é uma forma possível para descrever o evento  $E$ , que possivelmente causa um resultado em  $Y$ .  
 – Mas o falante  $A$  descreve o evento  $E$  como simplesmente  $Y$  *já/ainda não*  $V_{ação(afetação)}$ ;  
 +> O resultado possível da ação descrita por  $V_{ação(afetação)}$  foi de fato obtido em  $E$ .

Veja que as implicaturas de resultado obtidas pelos verbos de afetação, em sua forma incoativa periférica, podem ser negadas (o que mostra que são, de fato, implicaturas):

(87) A, vendo que a máquina de lavar parou, abre a máquina, olha a roupa, e diz:

A: A roupa lavou, mas não lavou direito.

(há uma negação da implicatura do resultado)

(88) A, vendo que o frango está no forno há muito tempo, tira o frango do forno, finca um garfo no assado, e diz:

A: O frango assou, mas não assou direito.

(há uma negação da implicatura do resultado)

Diferentemente, nas sentenças em que os verbos lexicalizam o resultado, as sentenças, em sua forma incoativa periférica, são acarretadas por esses verbos, não podendo ser negadas nem em contextos específicos:

(89) A, vendo que houve um problema na hora de fazer a transferência do imóvel para o comprador, diz:

A:  $\neg$  O imóvel vendeu, mas não vendeu direito.

(impossível negar o acarretamento do resultado)

(90) A, vendo que o caminhão estava quase cheio, mas faltavam ainda algumas peças para completar o carregamento, diz:

A:  $\neg$  O caminhão carregou, mas não carregou direito.

(impossível negar o acarretamento do resultado)

Em conclusão, propomos que as sentenças intransitivas investigadas resultam de um processo de alternância verbal, e que há quatro tipos de restrição para que os verbos possam alternar. A primeira restrição é lexical e para satisfazê-la os verbos devem ser agentivos e transitivos diretos, com a grade temática  $v$ : {Agente, Paciente}. A segunda restrição é o contexto sentencial, que deve incluir elementos como modificadores, a negação ou uma prosódia de pergunta. A terceira

restrição é que a sentença deve incluir argumentos específicos (que é consequência da quarta restrição). A quarta restrição é pragmática e, para satisfazê-la, os verbos devem ser capazes de, no contexto apropriado, gerar as implicaturas de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e de que o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado. Mostramos também que essas sentenças focalizam o resultado final, acarretado em verbos como *vender* e *carregar* e implicado em verbos como *lavar*.

#### 4. Conclusões

A pesquisa que apresentamos neste artigo traz contribuições interessantes para a descrição e a análise dos dados do PB. Ao analisar um fenômeno de alternância de transitividade, mostramos quais tipos de verbos participam dessa alternância e quais são as restrições semânticas e pragmáticas para sua ocorrência.

Primeiramente, comparamos as sentenças analisadas, que chamamos de “incoativas periféricas”, com as sentenças incoativas canônicas, resultantes do processo conhecido como alternância causativo-incoativa. Enquanto esse último ocorre uniformemente com verbos de uma mesma classe semântica, possui restrições lexicais e apresenta a marca do clítico *se* nas formas incoativas, que descrevem eventos espontâneos, o primeiro ocorre em três distintas classes semânticas de verbos, não ocorrendo, inclusive, uniformemente em cada uma delas, apresenta restrições de contexto sentencial e também pragmáticas, além de não permitir a inclusão da marca do clítico *se* nas formas intransitivas, que descrevem eventos não espontâneos. Portanto, mostramos que o fenômeno que gera sentenças incoativas periféricas não é alternância causativo-incoativa, visto que as incoativas periféricas se diferenciam das incoativas canônicas em muitos aspectos.

A partir da análise dos verbos que formam incoativas periféricas em PB, propomos que a ocorrência de tais sentenças intransitivas é restrita por quatro tipos de fatores. A primeira restrição é lexical e para satisfazê-la os verbos devem ser agentivos e transitivos diretos, com a grade temática  $v$ : {Agente, Paciente}. A segunda restrição é o contexto sentencial, que deve incluir elementos como modificadores, a negação ou uma prosódia de pergunta. A terceira restrição impõe à sentença a escolha de argumentos

específicos (essa restrição é consequência da quarta restrição). Por fim, a quarta restrição é pragmática e, para satisfazê-la, os verbos devem ser capazes de, no contexto apropriado, gerar as implicaturas de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e de que o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado.

Além disso, mostramos que as sentenças incoativas periféricas focalizam o resultado final da ação lexicalizado no verbo, no caso de verbos de resultado como *vender* e *carregar*. Interessa ao falante informar ao interlocutor que o resultado final foi obtido, porém, não é de seu interesse informar quem agiu. Ainda, essas sentenças geram a implicatura do resultado, que é também focalizado nesses casos, quando o verbo por si só não traz essa informação, como é o caso de *lavar*. Nesses casos, interessa ao falante informar ao interlocutor que o resultado final possivelmente obtido através da ação descrita pelo verbo foi de fato obtido. Não interessa, também aqui, informar quem agiu.

Em conclusão, propomos que a ocorrência da alternância de transitividade com verbos agentivos no PB não é a alternância causativo-incoativa. Propomos, ainda, que tal alternância apresenta restrições lexicais e pragmáticas e que as formas intransitivas resultantes trazem importantes implicaturas, que são fundamentais para sua ocorrência.

### **Agradecimentos**

Luana Amaral agradece o apoio financeiro da CAPES e da FAPEMIG (bolsa de pós-doutoramento) e Márcia Cançado agradece o apoio financeiro do CNPq (bolsa PQ) e da FAPEMIG (auxílio PPM).

### **Referências**

AMARAL, L. Verbos de modo de movimento no PB: aspecto lexical e decomposição em predicados primitivos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 326-339, 2012.

AMARAL, L. *A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro*: fenômenos semânticos. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

AMARAL, L.; CANÇADO, M. Verbos de criação do português brasileiro: classificação e representação lexical. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 51-73, 2014.

BEAVERS, J. On affectedness. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, n. 2, p. 335-370, 2011. doi.org/10.1007/s11049-011-9124-6.

CAMACHO, R. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000100004&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 14 abr. 2016.

CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010. doi.org/10.1515/shll-2010-1066.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da Abralín*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical*: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Vozes, 2016.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro*: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. v. 1: Verbos de mudança.

CANÇADO, M.; GONÇALVES, A. Lexical Semantics: verb classes and alternations. In: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Willey-Blackwel, 2016. p. 374-391. doi.org/10.1002/9781118791844.ch20.

CANN, R. *Formal Semantics*: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. doi.org/10.1017/CBO9781139166317.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

CLARK, E.; CLARK, H. When nouns surface as verbs. *Language*, Washington, v. 55, n. 4, p. 767-811, 1979. doi.org/10.2307/412745.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. doi.org/10.1017/CBO9780511611896.

ERTESCHIK-SHIR, N. *Information structure: the Syntax-Discourse Interface*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FILLMORE, C. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. (Org.). *Form and meaning in language: papers on semantic roles*. Stanford: CSLI Publications, 2003 [1970]. p. 123-139.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. 158 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes>. Acesso em: 14 abr. 2016.

GRICE, P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Org.). *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. Nova York: Academic Press, 1975. v. 3, p. 41-58.

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HASPELMATH, M. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. (Org.). *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 87-120. doi.org/10.1075/slcs.23.05has.

HORVATH, J.; SILONI, T. Causatives across components. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, n. 3, p. 657-704, 2011a. doi.org/10.1007/s11049-011-9135-3.

HORVATH, J.; SILONI, T. Anticausatives: against reflexivization. *Lingua*, v. 121, n. 15, p. 2176-2186, 2011b. doi.org/10.1016/j.lingua.2011.09.006.

HORVATH, J.; SILONI, T. Anticausatives have no Cause(r): a rejoinder to Beavers and Koontz-Garboden (in this issue). *Lingua*, v. 131, p. 217-230, 2013. doi.org/10.1016/j.lingua.2013.02.013.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, Washington, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975. doi.org/10.2307/412891.

JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LAPORTE, É. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *(Con)textos Lingüísticos*, Vitória, v. 2, n. 2, p. 26-51, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5205>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Wiping the slate clean: a lexical semantic exploration. *Cognition*, v. 41, p. 123-151, 1991. doi.org/10.1016/0010-0277(91)90034-2.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

MCCAWLEY, J. Conversational implicature and the lexicon. In: COLE, P. (Org.). *Syntax and Semantics 9: Pragmatics*. New York: Academic Press, 1978. p. 245-259.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-203.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Lingüística*, Santiago, v. 23, p. 37-58, 2010.

NUNES, J. *O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com SE apassivador e indeterminador*. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1990. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000045410>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

NUNES, J. Ainda o famigerado SE. *DELTA*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 201-240, 1995.

OLIVEIRA, R. P.; BASSO, R. M. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola, 2014.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PIÑÓN, C. A finer look at the causative-inchoative alternation. In: HASTINGS, R.; JACKSON, B.; ZVOLENSZKY, Z. (Org.). *Proceedings of SALT II*. NY: Cornell University, 2001. p. 346-364. doi.org/10.3765/salt.v11i0.2858.

PIÑÓN, C. Draw. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. (Org.). *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 270-283. doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199544325.003.0013.

RÁKOSI, G. In defense of a non-causative analysis of anticausatives. In: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. (Org.). *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 177-199. doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199602513.003.0007.

RAPPAPORT HOVAV, M. Lexical content and context: the causative alternation in English revisited. *Lingua*, v. 141, p. 8-29, 2014. doi.org/10.1016/j.lingua.2013.09.006.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. (Org.). *The projection of arguments: lexical and syntactic constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, 1998. p. 97-134.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Lexicon uniformity and the causative alternation. In: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. (Org.). *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 150-176. doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199602513.003.0006.

REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 36, n. 3, p. 389-436, 2005. doi.org/10.1162/0024389054396881.

REZENDE, C. *Sentenças absolutas no português brasileiro infantil: um estudo experimental*. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)

- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2016.

RIBEIRO, P. *A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24047>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SCHEPPER, K. The space between one and two: Transitives, intransitives and the middle voice. In: BRANDT, P.; GARCÍA GARCÍA, M. (Org.). *Transitivity: Form, Meaning, Acquisition, and Processing*. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 191-207. doi.org/10.1075/la.166.08sch.

SOUZA, P. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. 1999. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 1999.

YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

WASON, T. Transformations and the lexicon. In: CULICOVER, P.; AKMAJIAN, A.; WASON, T. (Org.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 327-360.

WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas: um estudo sintático e semântico*. 1989. 193 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1989. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000053267>>. Acesso em: 14 abr. 2016.